

925

«O papel das bases estratégicas do nordeste na política externa brasileira do após-guerra»

Pelo Major ADALARDO FIALHO

“A política de todas as Nações está na sua geografia”. — Napoleão

I

Introdução

Agitam-se os espiritos, desde já, tanto na Europa, como nos Estados Unidos, a respeito dos problemas do após-guerra.

Todos procuram deduzir consequencias desse gigantesco conflito que ensanguenta o mundo e esforça-se por examiná-las à luz dos interesses dos respectivos paizes. Na America do Norte, no campo dos assuntos politico-militares, a atividade não é menor e é digno de registro o fato de que nenhuma limitação é imposta à discussão desses assuntos.

O seu exame é livre. Há o máxima liberdade e, por isso, grande contribuição tem sido prestada ao esclarecimento da opinião publica e mesmo á ação do governo, através de livros, jornais, conferencias, etc. Para dar uma só e pálida amostra dessa liberdade de opinião, basta citar que Nicholas J. Spykman, em sua monumental obra “America's Strategy in World Politics”, tem a fortaleza de ânimo para asseverar, ainda no fragor da luta, que é do interesse dos Estados Unidos tolerar um Japão forte em face de uma China que se levanta, pois a posição estratégica dos Estados Unidos em relação a uma Asia poderosa é a mesma

que a deles em relação á uma Europa unida: é preciso equilibrar uma e outra com alianças com as Nações que estão em condições de barrar-lhes o expansão para Leste e Oeste, respectivamente, na direção da America do Norte.

Outros vão ao ponto de indicar paizes onde os E. U. devem ter indiscutivel influencia, zonas onde precisam ter bases aeronavais, territorios que podem neutralizar, etc. etc.

Walter Lippmann diz: "No Atlantico Sul, na rota para a America do Sul, a manutenção de fortes bases aero-navais no bojo do Brasil é essencial".

Com efeito, não se trata, com essas discussões, de agredir este ou aquele paiz. Trata-se de compreender certos problemas, salientar a verdade de determinados fatos geograficos, advinhar o alcance, nas lutas futuras, de alguns inventos modernos, admitir a derrogação de outros que perderam a importancia, pois, as relações internacionais são essencialmente dinâmicas e é prediso estar-se alerta para nos adaptarmos às suas duras realidades.

E' à luz desse mesmo espirito tolerante que advogamos, neste artigo, o direito dos brasileiros, por sua vez, encararem com franqueza os problemas que lhes interessam particularmente e, entre esses, sobreleva-se aos demais, sem duvida nenhuma, a posição das bases do Nordeste em face do entrechoque de interesses internacionais. Que partido o Brasil espera tirar delas? Poderão elas repercutir no campo internacional a ponto de fazer com que o Brasil modifique a sua politica externa e altere a sua tradicional posição politico-estratégica no Continente? Para responder a estas perguntas devemos passar a palavra á geografia, ou melhor á geopolitica, pois é na geografia de um paiz, na distribuição de suas massas de terra em relação aos agrupamentos politicos vizinhos ou fronteiros, na consideração das distancias e dos recursos disponiveis que estão os fundamentos da politica externa de uma Nação.

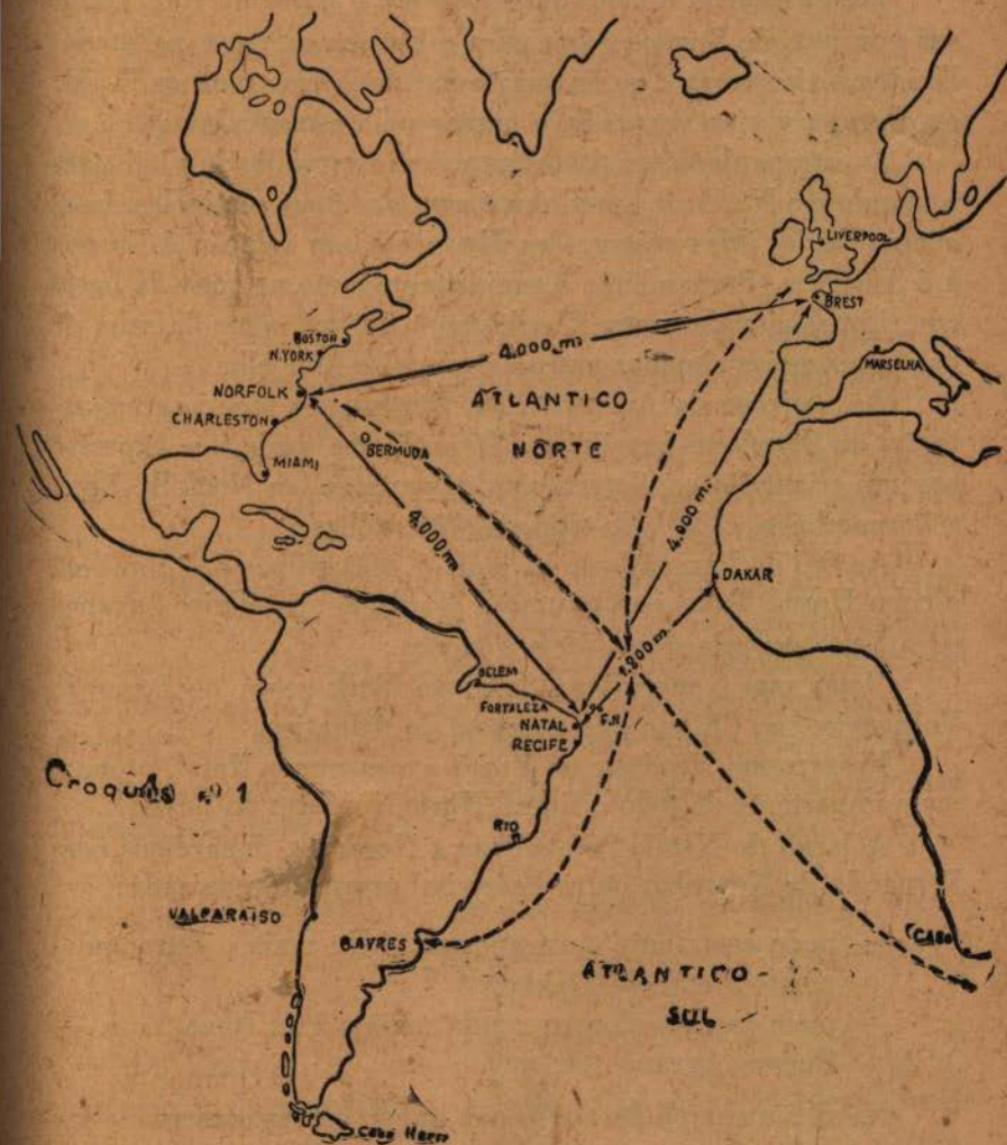
Feito isso, estaremos em condições de tirar conclusões, indicando, no terreno militar, o que fazer para, no campo internacional, neutralizar a ação das potencias interessadas nas bases do Nordeste.

II

SIGNIFICAÇÃO GEO-POLÍTICA DAS BASES DO NORDESTE

a) — A situação geográfica das bases

(Vêr croquis n.º 1)



Salientaremos, aqui, sómente, certas particularidades geográficas.

O Brasil pertence á comunidade do Atlântico. Não há um só Atlântico, como no caso do Oceano Pacífico, mas dois Atlânticos: o Atlântico Norte e o Atlântico Sul, separados pelo estrangulamento entre o bojo Nordeste do Brasil e o ombro da África, com 1.800 milhas de comprimento, entre Natal e Dakar.

Essa distância é hoje percorrida em 5 horas de vôo. Quem vai por mar, de Buenos Aires para a Europa ou para os Estados Unidos e vice versa e quem vai do Sul da África para os E. U. ou Europa e vice versa, deve passar pelo estrangulamento.

O estrangulamento é portanto uma encruzilhada vital para o mundo e o Nordeste brasileiro é uma das duas sentinelas dessa encruzilhada. Mas vejamos as distâncias, em relação á Europa e á América. Pernambuco é equidistante tanto na zona de bases americanas situadas entre Charleston e Boston, como da zona de bases europeias situadas entre Liverpool e Marselha.

As posições da América e da Europa são identicas em relação ao Nordeste brasileiro. O problema pode ser expresso por um triângulo equilátero com os vértices em Norfolk, Brest e Pernambuco, cada lado tendo 4.000 milhas.

Ao Sul de Pernambuco há mais 4.000 milhas de litoral até o cabo Horn. Tudo isso porque o Nordeste brasileiro avança para Leste em relação á Norte América.

Notar que o meridiano de Nova York passa ao largo de Valparaízo, no Chile e não na costa do Atlântico.

No extremo Nordeste do Brasil encontramos Natal, o ponto mais importante de todo o litoral Norte-Nordeste do Brasil.

A largo de Natal, 250 milhas a Nordeste, deparamos com Fernando de Noronha, outra base vital porque, organizada:

- pode contribuir para apertar ainda mais o estrangulamento Natal — Dakar;
- pode mesmo alongar ainda mais a rota Nova York — Buenos Ayres.

Natal é o campo de pouso das linhas aéreas comerciais via Dakar, ou via Cabo, ou via Miami ou via Buenos Ayres. E a

encruzilhada aerea, a chave das grandes rotas aereas internacionais, cuja disputa as grandes Nações já estão esboçando.

Recife, ao Sul de Natal, tem uma significação mais marítima. É o primeiro porto de escala para navios vindos da Europa e África do Norte ou da Norte America para o Rio e Buenos Aires. Fortaleza e Belém, a Oeste de Natal, têm importância aerea e naval. São portos e pontos de escala aerea interme-diários.

Fortaleza fica mais perto das bases norte-americanas e Belém ainda mais. É um fato a registrar: quanto mais para Leste, mais as bases do litoral Norte — Nordeste brasileiro escapam da ação das bases norte-americanas. Sob o ponto de vista aereo, Belém, Fortaleza e Natal constituem um “corredor” (o corredor da Vitoria desta Guerra) tanto da America do Norte para a África e Europa, como destas para aquela.

No caso de uma luta entre os E. U. e uma potencia europeia, como vemos no atual conflito, a importância daquele “corredor” só tende a crescer.

O que será a Aviação daqui a 20 anos? Tendo tido um papel nulo na 1.^a guerra mundial, uma importância excepcional na 2.^a, o que reservará o futuro para esse “corredor”?

Fernando de Noronha representa, em relação ao Nordeste, o mesmo papel que agora representa Bermuda em relação aos E. U.: é um posto avançado da defesa do Nordeste. Para um partido que venha da África, é difícil descer em Natal, enquanto Fernando de Noronha estiver em nossas mãos. Para tomar F. Noronha, no limite de vôo, também é difícil, porque a ilha é dominada pela base de Natal.

b) — Os Estados Unidos e as bases do Nordeste.

(Vêr croquis n.^o 2)

Os Estados Unidos também são uma potencia atlantica. Sua defesa, face à Europa, arrasta as bases do Nordeste brasileiro.

Pelo jôgo de equilibrio de poder mundial, o destino estratégico dos E. U. é se verem cercados, a Leste, por potencias europeias e a Oeste por potencias asiaticas. Mas por uma serie de razões, os E. U. não podem subsistir isolados no Hemisferio occidental. Por isso, as guerras norte-americanas deverão ser ganhas na Europa e na Asia, como já o foi na 1.^a guerra mundial e o será nesta. O quadro estratégico exige que os E. U. conduzam as suas operaçoes militares em forma de uma grande ofensiva atravez dos oceanos e, para isso, as bases brasileiras não podem ficar indiferentes. Suponhamos então, para raciocinar, que o Brasil por si ou aliado com uma ou varias potencias europeias, se oponha aos E. U.

E' impossivel atacar o Brasil vindo, por terra, da zona do canal do Panamá. Não há estradas atravez da America Central e nenhuma estrada de 1.^a classe atravez dos limites colombianos ou venezuelanos na direçao do Brasil.

A grande estrada Pan-Americanica não passa ainda de uma visão. O vale do Amazonas, por sua vez, é, em termos militares, uma grande zona tampão para quem se dirija da America do Norte para a do Sul.

A Colombia e a Venezuela pertencem ao mar das Caraibas, dominado pelos norte-americanos. Ao Sul desses paizes situa-se o vale do Amazonas, região passiva, de imensas extensões de clima equatorial e inteiramente desprovida de recursos. E' na região temperada no sul do Brasil, coração do paiz, que os E. U. deverão ferir e, para isso, terão de se valer das rotas maritimas.

As comunicações entre a zona continental da Norte America e as zonas estratégicas da America do Sul ainda se farão e por muito tempo pelo mar. Mas, no mar, as distancias trabalham contra os E. U.. Do Panamá ao estreito de Magalhães vão 7.500 milhas. De Buenos Ayres a Norfolk 6.000 milhas.

Um ataque americano sobre a costa Leste da America do Sul corresponde, em largos termos, a operaçoes sobre territorios de alem mär, a executar por meio de ações navais e aereas em áreas distantes das bases de origem. Contudo, quanto á questão

bases, os E. U. hoje em situação muito melhor do que antes da atual guerra. O acordo de 99 anos com a Inglaterra, em troca de 50 destroyers, trouxe os E. U. até Trinidad e mesmo Georgetown. Isto quer dizer, em termos de autonomia marítima, que E. U. dominam agora o litoral Norte — Nordeste do Brasil até o cabo de S. Roque. Porém, nesse litoral, já vimos, quanto mais para Leste, mais os pontos escapam à ação das bases americanas mais eles se tornam equidistantes da América e da Europa, mais se aprorimam da África e mais evidente se torna a possibilidade do Brasil equilibrar a ameaça norte-americana com o auxílio de uma potência europeia.

Do cabo S. Roque para o Sul, a liberdade de ação do Brasil é cada vez maior.

No caso da Argentina é máxima. Daí, talvez, essa atitude de independência da grande nação platina em relação aos E. U. à parte os seus antagonismos econômicos.

Vemos, portanto, que o utilizar-se das bases do Nordeste é uma questão vital para os E. U., em luta com uma potência europeia.

Sem elas, as suas operações ficariam sem apoio. Insistindo, essa utilização é um problema de distâncias relativas e de bases avançadas. Já vimos as distâncias. Quanto às bases, partindo de Norfolk, os E. U. poderiam usar a baía de Guantânamo, Porto Rico, Trinidad e Georgetown, porém, mais para diante a sua frota só contaria com auxílio aéreo baseado em terra, se dispusesse das bases brasileiras. Destas, Natal, a mais longínqua, é a mais importante, estrategicamente falando. Ao Sul do cabo de S. Roque a América do Norte não tem bases. A costa entre S. Roque e Buenos Ayres está além do raio de ação de frotas com base nos postos mais avançados dos E. U.

A escolha de Recife, na atual guerra, para sede da Esquadra do Atlântico Sul dos E. U. vem confirmar que eles necessitam de bases no Nordeste brasileiro. Sem essa facilidade, concedida pelo Brasil, a Esquadra americana terá de recuar. O centro de gravidade do grosso da frota americana do Atlântico não pode avançar além de Porto Rico, sem o que descobriria re-

giões vitais da America continental. Em Porto Rico, ele fica a igual distancia de Newfoundland e de Natal, cobrindo, ao mesmo tempo, o canal de Panamá. Mas em Porto Rico ele está muito longe para operar no Atlântico Sul.

c) — *As potências europeias e as bases do Nordeste*

(Vér croquis n.^o 2)



Quando falamos potencias europeias, queremos nos referir a uma forte Nação ou coligação de Nações associadas, voluntaria ou involuntariamente, a um mesmo destino politico, como vimos na guerra presente. Da mesma forma que quanto á America do Norte em relação á Europa, é dificil conceber que tal potencia (ou agrupamento de potencias europeias), igualmente banhadas pelo Atlantico, se veja imune de entrar em conflito com os E.U.

Suponhamos então, para raciocinar, como já o fizemos, que o Brasil, por si, ou coligado com a Norte America, se oponha áquelas potências. Para ferir o Brasil ou os Estados Unidos, a potencia europeia da mesma forma, precisará do corredor do Nordeste ou, no minimo, de Natal. E' tambem uma questão de distantes e de bases avançadas. Quanto ás bases, quem vem da Europa para Pernambuco apoia-se em Gibraltar, Casablanca e Dakar ou Freetown, transformadas em grandes bases de operações para navios de batalha e levando-se em conta o raio de ação admitido de 2.500 milhas para as frotas navais, levaria as ações navais europeias a sentirem-se por todo o litoral Norte do Brasil, até mesmo nas proximidades do Mediterraneo americano.

Já vimos que os americanos podem estender a sua ação naval até o cabo de S. Roque. O litoral norte do Brasil poderia portanto, se transformar, eventualmente num "mar de ninguem", onde ferozes combates navais poderiam vir a ser travados e, nesse caso, a utilização de Belem e Fortaleza, como bases de repações, etc., poderia interessar a ambos os partidos.

A costa Lesté da America do Sul tem a direção N.E.—S.W., de modo que a rota de Dakar para o Prata é paralela á costa e, por isso, cada base flanqueia a aproximação para a base seguinte, mais para o Sul. Natal e F. Noronha, as mais avançadas, são as primeiras a hostilizarem aquela rota e, portanto, as mais importantes.

São as primeiras, tambem, a hostilizarem quem vem de Dakar para Belem, passando ao largo de F. Noronha.

A rota da Europa para Dakar pode ser protegida por uma cortina de observação aerea operando dos Açores, Madeira, as ilhas Canarias e as do Cabo Verde e pode tambem ser patrulhada e defendida com aviões baseados em terras tanto da Europa, como da Africa.

Alem de Dakar, a frota européia só poderia contar com auxilio aereo baseado em terra em parte do caminho, a menos que dispusesse das bases brasileiras.

A distancia de Dakar a Natal é muito grande para efetuar bombardeios aereos efetivos, pelo menos em termos de técnica moderna (ou gazolina ou bombas).

Dispondo das bases brasileiras, o auxilio aereo á frota naval será assegurado durante toda a travessia do Atlantico.

O peior, para ambos os partidos, é que não ha, no litoral Norte do Brasil, portos em condições de servirem a uma frota de batalha dentro das condições da guerra moderna. Em todo o litoral Norte — Nordeste do Brasil, só a baía de S. Salvador possue o tamanho suficiente para abrigar uma frota sem acúmulo, condição indispensavel nestes dias de guerra aerea.

Ao Sul de Natal a potencia europeia, da mesma forma que os E. U., tambem não possue bases onde apoiar as suas operações.

As ilhas Falklands não modificam esta afirmativa porque, hoje elas representam para a Inglaterra, em relação á Argentina, o que as Filipinas significam para os E. U., em relação ao Japão: territorios que se não podem socorrer e suprir, com facilidade, devido ás distancias e por estarem situados dentro do raio de ação da Aviação baseadas em terras do oponente.

A costa Leste sul-americana está, tambem, alem do raio de ação de frotas europeias baseadas em seus postos mais avançados.

d) — *A Argentina e as bases do Nordeste*

(Vêr croquis n.º 2)

Suponhamos, finalmente, que os antagonistas economicos e politicos entre a Argentina e os E. U. não se possam corrigir e que as duas Republicas entrem em conflito aberto, hipótese que é difícil admitir sem o alinhamento, ao lado da Argentina de uma potencia europeia. Quanto á ação desta, em relação aos E. U., já a encaramos no caso anterior. Vejamos aqui a ação da Argentina, propriamente, contra os E. U. e admitamos, mais uma vez, para raciocinar, que o Brasil, por si, ou aliado aos E. U., se oponha á Argentina .

Um ataque por terra, da Argentina contra os E. U., é inadmissivel.

Só pelo mar poderá agir e, para tanto, sua frota, só, ou reunida á da potencia europeia, deverá passar ao largo de Natal, o que ressalta a importancia das bases do Nordeste, tanto para o Brasil, como para os E. U.

Para atacar a zona do canal de Panamá pelos ares, por meio de uma serie de saltos, cada vez mais proximos do canal, seriam necessárias vias de comunicações pelo interior da America do Sul. Na falta destas, como é o caso, os suprimentos deveriam ser feitos, tambem, por via aerea. Nestas condições, o empreendimento seria mais práctico conquistando bases cada vez mais proximas do canal, ao longo da costa, isto é, ele seria apoiado por ações aero-navais, pois devemos admitir que os suprimentos viriam da Europa e não da Argentina, via indireta. Da mesma forma, isso não seria possível enquanto o Brasil e os E. U. mantivessem as bases do Nordeste.

De qualquer forma, Natal e F. Noronha poderão manter separadas a Argentina de sua aliada europeia, pois aquelas bases dominam o estrangulamento Natal-Dakar.

E, mais importante ainda, poderão impedir a remessa de matérias primas e de generos de consumo da Argentina para a Europa.

— III —

Conclusões

(Vêr croquis n.º 3)



Diz Nicholas J. Spykman :

“Si a politica externa de um Estado deve ser prática, deve ser traçada em termos da realidade das relações internacionais, em termos de política de poder.

Os Estados existem, antes de tudo, devido á sua propria força ou á dos Estados protetores e, si desejam manter a sua independencia, devem fazer da preservação e do melhoramento de sua posição de poder o principal objetivo de sua politica externa.

Nações que renunciam á luta do poder e deliberadamente escolhem a impotência, cessarão de influir por bem ou por mal, nas relações internacionais e arriscar-se-ão a eventual absorção por vizinhos mais poderosos.

Uma bôa politica externa deve não somente ser adequada ás realidades da politica de poder, mas ser tambem ajustada á posição específica que o Estado ocupa no mundo. E' a situação geografica de um país e sua relação com os centros de poder militar que o cercam que define o seu problema de segurança”.

Vimos, por um raciocinio triangular, que as bases do Nordeste interessam aos E. U., á Europa e á Argentina.

Natal, Fernando de Noronha e Recife são uma das grandes chaves do mundo .

E' a esquina de onde se poderá barrar, em termos de guerra aero-naval moderna, movimentos provindos do Prata, da Norte America e da Europa .

Portanto, saibamos tirar partido dessa dádiva da Geografia .

Fortifiquemos e guarneçemos fortemente as bases do Nordeste, para aumentar-lhes o valôr e a cobiça pelos outros povos, porem não nos aliemos a nenhum partido.

Fiquemos de mão livres para, no momento oportuno, jogar com elas — trunfo inestimável — no taboleiro da politica internacional, de acordo com os nossos interesses.

Os supremos interesses do Brasil aconselham-nos essa atitude de independencia .

Não podendo equilibrar o poder dos EE. UU., sós ou coligado com as nações do A.B.C., as mais fortes da America do Sul, devemos, pelo menos, acenar-lhes com a possibilidade de aliar, a qualquer momento, as bases, fortemente armadas, á

sorte de uma potencia europeia. Inversamente, acenemos a qualquer potencia europeia com a possibilidade de entrega-las á sorte dos E. U.

Tornemos as bases uma ameaça potencial para qualquer nação.

Si os E. U., por exemplo, precisarem lutar ao largo de Fernando de Noronha, a sua Aviação poderá ir de salto em salto, sobre os campos comerciais concedidos, até á zona de operações, ao passo que a potencia europeia oponente terá de executar um grande salto de Dakar a Natal.

Facilitar, ao contrario, as bases, á potencia europeia, tornará um suicidio, para a frota americana, qualquer operação ao largo de Fernando de Noronha.

O nosso interesse está em ficarmos equidistantes de todos os partidos. Sob o ponto de vista brasileiro, a defesa das bases do Nordeste é mais um problema de forças aereas.

Para os partidos americano e europeu, a luta pela supremacia aérea, naquela estratégica região, *precederá* e não *seguirá* a ação naval.

Qualquer ação a empreender contra o Nordeste, vinha da Europa ou da Norte America, não virá em forma de uma anunciada e vagarosa força expedicionária, partida de Brest ou de Norfolk, mas na de uma ligeira ação de surpresa, vinda de Dakar ou de Porto Rico.

Começará pelo desembarque de forças especializadas, destinadas a tomar os nossos aerodromos, afim de possibilitar a citada supremacia aerea ou de forças de fuzileiros navais, embarcadas em navios rápidos.

Para nós, portanto, trata-se de armar as bases de modo que sejam capazes de impedir a conquista da supremacia aerea, ali, por outros povos.

Aviação, esquadra, forças mecanizadas ligeiras, em terra, apoiadas num sistema perfeito de comunicações.

Natal, particularmente, deve estar ligada, para o Sul, até Recife, pelo menos e para N. W. até Fortaleza, pontos complementares e que, nas mãos de um dos partidos, isolaria Natal.

Mantendo em nossas mãos o triangulo Natal-F. Noronha-Recife, isolamos toda a costa Leste da America do Sul da influencia americana e europeia.

Mantemos o trunfo em nossas mãos.

Indicar qual a repartição exata de forças para atingir esse fim seria avançar de mais. Porem, deduz-se facilmente que, em Natal e Fernando de Noronha, deve haver forte proporção de caça e bombardeio de longo raio de ação.

A' medida que vamos de Natal para Belem diminuem as necessidades de bombardeio e aumentam as de caça. Uma força naval de batalha está indicada para estacionar em torno de Natal, em que pese á deficiencia de ancoradouros. Em Belem e Fortaleza, forças ligeiras, com predominancia de meios defensivos.

De Recife até o Rio, ainda forças ligeiras, de escolta e patrulhamento.

Em terra, predominância de forças moto-mecanizadas apoiadas em bôas comunicações.

O destino militar do Brasil, em termos de guerra moderna, é manter um forte agrupamento de fôrças aero-terrestre-navais no Nordeste e outro no Sul do país. No centro é fatal o aparecimento de um vâcuo estratégico, a corrigir por um sistema completo de comunicações.

Com a repartição de fôrças acima ou com outra melhor, estremos em condições de equilibrar as ameaças latentes continentais ou extra-continentais.

A discussão sobre o tipo de sociedade internacional a ser creada depois da guerra já começou. E é significativo o vêr-se propôr, sem cerimônias, nessas discussões, o desaparecimento de certos países, a criação de outros, a aglutinação de grupos de países, etc., tudo em beneficio do equilibrio de poder das grandes Nações. Portanto, devemos conhecer os nossos problemas e o papel que nos cabe no concerto das Nações, estudar as consequencias que as transformações mundiais trarão para nós

e principalmente saber o que queremos. E' o que procuramos esboçar neste artigo.

BIBLIOGRAFIA :

- America's strategy in world Politics, by Nicholas John Spykman.
- U. S. Foreign Policy, by Walter Lippmann.
- The coming battle of Germany, by William B. Ziff.
- You can't do business with Hitler, by Douglas Miller.
- Vitoria pela força aerea, de Alexandre de Sewersky.

**FASANELLO VENDERÁ
NATAL - 23 DE DEZEMBRO**
5 MIL HÕES
 DE CRUZEIROS NOS CLASSICOS
 AVENIDA, 110 - AVENIDA, 147

ELETRODOS PARA SOLDA ELÉTRICA



Tipo MARRON/BRANCO

Para: Construções, Consertos e Enchimentos
em ferro fundido

Fabricantes: HIME-COMÉRCIO E INDÚSTRIA S. A.

MARCA REGISTRADA
RUA TEOFILO OTONI, 52

Telefone 23-1741

RIO DE JANEIRO

possibilitava o seu confeccionamento com a composição ferrea em movimento, a paciencia, a resignação e o bom humor da tropa não se alteravam. E' que os soldados sabiam que jamais os oficiais fariam suas refeições, embora estas já estivessem prontas no carro *restaurant*, sem que se encontrassem todas as praças alimentadas.

E era cheios de orgulho e de satisfação que, nas horas de lazer, eles se distraiam enchendo os ares, e deliciando os habitantes dos lugares em que passavam, com as palavras vibrantes e quentes da bela canção do Grupo "SENTINELA DA BAHIA" e com os sons de um samba ou de uma valsa que o conjunto musical improvisado executava, composições dos proprios soldados e em que eram exaltados os meritos do *Gemac* (como são conhecidos os Grupos) ou feito humorismo a qualquer fato ocorrido na Unidade.

Era essa a distração predileta da tropa e os "cantores" sentiam-se altamente lisongeados quando eram chamados á presença dos Oficiais para uma ligeira exibição...

2 — como um *psicólogo*, estudar minuciosamente o carácter, as aptidões, o temperamento de cada um daqueles que estão sob suas ordens, afim de distribuir-lhes convenientemente as missões, explorando-lhes as qualidades pessoais, para obtenção de melhor rendimento no serviço.

Quantas vezes o incentivo habil á vaidade do subordinado — pois isso é humano — produz um maravilhoso resultado, jamais alcançado em condições diferentes.

E' do seu *tato* em avaliar as situações surgidas e resolvê-las no momento preciso, com energia e de forma a não provocar melindres, que ele conseguirá manter em harmonia, perfeitamente coesas produzindo o maximo em proveito do conjunto, tantas individualidades dispares.

3 — Imprimir a mais absoluta *justiça* no julgamento dos atos de seus subordinados.

Nada revolta mais uma pessoa e a predispõe ao desanimo e á resistência passiva — o mais pernicioso inimigo da boa

marcha do serviço — do que uma decisão ou punição injustas. O chefe necessita analisar a infração, qualquer que seja o falso, com serenidade e isenção de animo, evitando julgamentos preconcebidos porém obedecendo a uma norma pre-estabelecida, dentro dos preceitos e princípios regulamentares.

Todo aquele que, tendo cometido determinada falta pela qual é punido, tem a certeza de que nenhum outro, em semelhante situação, deixará de sofrer idêntico castigo, não sendo ele, assim, o “bode expiatorio”, conforma-se com a aplicação da pena.

O rigôr na manutenção da disciplina não caracteriza comandante “máo” na critica que lhe faz o subordinado. Ele pode ser *rigoroso* e ao mesmo tempo *bondoso*, embora pareça isso um paradoxo. Rigôr na repressão ás faltas, bondade para fazer certas concessões áqueles que as merecem.

A aplicação justa das *punições* e das *recompensas*, constitue um dos fatores preponderantes com que um comandante conta para conservar alto e constante o grau de disciplina de sua Unidade.

4 — exigir que, durante ás horas fixadas nos “quadros de trabalho”, todos estejam em atividade, tanto os que se dedicam á instrução, como os que se entregam ao serviço burocratico. O tempo empregado em ociosidade, além de prejudicar o resultado que se tem em vista obter, findo cada periodo, permite tambem ás praças, divagações prejudiciais á disciplina, que podem leva-las á pratica de atos desaconselháveis ou mesmo condenaveis e que seriam perfeitamente evitados si estivessem elas entregues aos seus afazeres militares. Para isso, uma assidua fiscalização por parte de cada chefe hierarquico se torna necessária. Ao comando compete, em casos especiais em que os trabalhos estão suspensos, encontrar habilmente um meio de trazer presa a atenção dos subordinados, seja promovendo competições esportivas em que todos os elementos da Unidade se engajem, seja efetuando certas revistas em forma de confronto entre as sub-unidades, seja ainda por meio de preleções

atraentes, diversões, etc., de maneira, porém, que nunca estejam os subordinados *sem ter o que fazer*.

5 — manter assíduo contacto com os subordinados.

Nada auxilia mais um comandante a ter *força moral, prestígio*, a ganhar a confiança e a simpatia de seus homens e a contar com o respeito e com a dedicação de seus oficiais e de seus soldados, do que um estreito contacto com os mesmos.

O comandante que conhece uma praça pelo seu numero ou nome, que lhe fala, que lhe faz perguntas, “sóbe 90 por cento no seu conceito”...

Engana-se redondamente todo aquele que julga obter maior disciplina e ter mais força moral, *deixando-se ver poucas vezes de perto*.

O que acontece em tais casos é haver *receio e timidez* por parte do subordinado ao enfrentar o superior, nunca, porém um *respeito consciente*.

6 — ter habitualmente *bom humor* e ser *paciente* com certos individuos que, devido a atrazo intelectual ou fisico, nem sempre executam, com a esperada perfeição, determinada tarefa.

E' sabido que a “atmosfera”, no quartel é, geralmente, reflexo do estado de animo do comandante. Si este está irascivel, nervoso, impaciente, transmite aos demais perturbação semelhante e o ambiente se torna intoleravel. Ao contrario, o seu bom humor permite a todos o trabalho sem sobresaltos, havendo, assim, maior rendimento no serviço.

Com relação aos tipos atrazados, podemos ainda trazer, como exemplo, o soldado OZORIO, do 4.^o G.M.A. C. a que já nos referimos linhas atráz. Tendo um pequeno defeito em uma das espaduas e o sistema nervoso facilmente excitavel, esse soldado era incapaz de andar de passo certo, de oscilar o braço esquerdo e de cantar, ao mesmo tempo que marchava. A menor correção que lhe fosse feita, perturbava-o mais ainda e fazia peiorar a situação. Durante 4 meses, foi preciso que mo-

nidores e instrutores se dedicassem a um trabalho quotidiano de paciencia, de estímulo e de sugestão, para conseguirem que ele tivesse confiança em si e se compenetrasse de que podia fazer como os outros. Não foi tempo perdido, pois, findo aquele prazo, enfileirava-se o Ozorio entre os 3 melhores atletas da Unidade.

7 — saber *decidir* rapidamente e ter *noção de responsabilidade*.

Nenhum chefe indeciso, timido ou receioso de assumir a responsabilidade por um determinado ato, pode ter moral sobre os subordinados. A disciplina enfraquece quando é sentido “que não ha homem no leme” como se diz vulgarmente. Em contraposição, si o superior decidir sem hesitação e sem receio das consequencias que possam advir de seu ato, produzirá sobre o subordinado uma profunda impressão, conquistar-lhe-á a admiração e infundir-lhe-á mais confiança.

8 — saber *crear o amôr á Unidade*.

E' esta uma virtude militar que nem sempre é bem compreendida. E', no entretanto, um fator ponderavel, quando bem explorado, para a obtenção da disciplina no corpo.

Têr amôr á Unidade, não é esconder as faltas cometidas pelos seus elementos, não é deixar de puní-los, não é *fazer farol* e enganar os escalões superiores, ostentando um gráu de instrução ou uma perfeição de administração que o corpo está longe de possuir.

Ter amôr á unidade é dedicar-se a ela inteiramente, cuidando com esmero de sua instrução, de sua disciplina.

E' ser inflexivel na repressão a faltas que possam refletir sobre a coletividade, como sóem ser aquelas que são cometidas no exterior, fóra do quartél, isto é, embriaguez, desordens, roubos, indisciplina e falta de correção nos uniformes (gola aberta e tunica desabotoada, boné, gorro e capacete no alto da cabeça ou caídos para a frente e para os lados como capadocios, etc.).

E' desejar sempre que a unidade se destaque das demais pelo seu garbo, pela sua correção, pelo seu alto gráo de instru-ção, evidenciados nos exames e nas demonstrações, pela pres-teza em atender ás ordens emanadas das autoridades su-pe-riores.

Ter amôr á unidade, é estimular por todas as fórmas os seus subordinados, elevar-lhes ao máximo o moral, defenden-do-os desassombradamente, sem permitir jamais que sejam eles menospresados, caluniados, humilhados, ofendidos em seus brios e relegados a plano inferior no meio civil.

E' procurar falar seguidamente aos soldados, mostrando-lhes o caminho do dever, o procedimento que necessitam ter para honrar e dignificar a *súa unidade*, elevando-a no conceito dos chefes, no dos camaradas e no do povo, enfim. Quantas vezes uma preleção bem conduzida ou uma lição de moral feita em momento oportuno, têm mais influência sobre certos indíviduos do que mesmo um severo castigo e conseguem até a regeneração de elementos transviados e contumazes na pratica de atos delituosos.

A educação moral orientada dessa fórmula, permite serem alcançados resultados surpreendentes e facilita ao chefe "ter os soldados na mão", prontos para segui-lo cegamente, a qual-quer momento, em defesa da Pátria.

Lembramo-nos, a propósito, de uma praça do já citado 4.^º G. M. A. C. e que se distinguiu pela *constancia* de seu nú-mero e de seu nome na 4.^ª parte do Boletim da unidade, entre os punidos disciplinarmente.

Viajava essa praça, juntamente com outras, em um bonde, na Bahia. Nesse mesmo veiculo ia tambem uma pessoa amiga do comandante e desconhecida dos soldados. Algum, dentre estes, convidou a praça em questão para qualquer ato que implicava em transgressões disciplinar e desrespeito a ordens rei-teradas do comando. Com agradavel surpresa, aquela pessoa, que prestava a maxima atenção á conversa dos soldados, ouviu da praça citada a seguinte declaração:

— Não, não farei tal coisa, porque o nosso comandante *não merece que se faça isso com ele!* . . .

Dias antes, o comandante, reunido o Grupo, tornara público um fato altamente desabonador para o nome da unidade, si confirmado — um civil dirigira-se ao Cmt. da Região denunciando os soldados do Grupo como depredadores da economia particular e quiçá da nacional, por terem assaltado um coqueiral de sua propriedade, desrespeitando os moradores.

Inquerito imediato havia sido aberto e ficára provado ser infundada e malévola a atitude do paisano autor do telegrama.

Em consequência, apesar de sua situação social, fôra ele convenientemente castigado. Tivera de passar pela humilhação de retratar-se, junto ao General, pelas infamias assacadas contra a tropa e de pedir aos soldados desculpas pelo que deles disséra, mal informado, “leviana e impensadamente”, segundo suas palavras textuais.

A oportunidade fôra também aproveitada para ser frisado ás praças que lá estavam em defesa da costa e da população da Bahia contra possíveis inimigos e que lhes competia não cometer atos semelhantes aos que seriam praticados por quem tinham ido combater; que do seu procedimento, da sua corréção, dependia a simpatia que lhes consagraria o povo e o conceito que a unidade haveria de gozar perante os superiores e perante as autoridades civis; que qualquer elemento da unidade que cometesse faltas de tal natureza seria indigno de continuar pertencendo a ela e de ombrear com os demais.

9 — ter *atitude militar* e exigi-la de seus subordinados.

Não se comprehende um militar sem a característica própria do mesmo — a atitude. Aquele que veste uma farda, deve esforçar-se por se tornar diferente dos que não têm essa honra. Para isso não é necessário ser arrogante, insolente. E' suficiente que guarde uma linha de conduta irrepreensível, que tenha garbo e que não se esqueça, nas suas relações com os superiores ou subordinados, de praticar rigorosamente os preceitos regulamentares sobre continencias e sinais de respeito. Jamais

o militar deverá, por comodidade, falsa bondade e modestia ou por negligencia, dispensar dos seus subordinados as provas de respeito e de consideração a que tem direito e que os regulamentos prescrevem.

Impedir que o corneteiro dê o sinal de comando, dispensar não só o cumprimento dos subordinados como que os mesmos se levantem á sua passagem ou quando a eles se dirige para falar, são procedimentos que concorrem, de maneira notável, para o enfraquecimento da disciplina do corpo e da autoridade do chefe. Este não deve abrir mão, absolutamente, de suas prerrogativas.

Deve, igualmente, dar aos subordinados todas as provas de consideração a que fazem jús, respondendo-lhes corretamente ás continencias, levantando-se para receber-lhes as apresentações e concedendo-lhes a atenção devida, quando vão á sua presença.

10 — possuir *valor profissional*.

E' esta, talvez, embora não o pareça, uma das mais importantes qualidades do chefe. E' ela que leva, insensivelmente, o subordinado a respeita-lo, reconhecendo nele superioridade intelectual e cultura acurada. O superior que mostra ao subordinado conhecer, pelo menos tanto como ele, os assuntos pelo mesmo tratados, que assume, com proficiencia, a direção de uma instrução ou de um exercicio, que sabe fazer a critica sobre qualquer trabalho, apontando-lhe as falhas e indicando o meio de corrigi-las, conquista a admiração daqueles que comanda, bem como o seu respeito e obtém deles uma *disciplina consciente*.

11 — demonstrar *valor pessoal, coragem*.

Ninguem ignora que um comandante, isto é, um *condutor de homens*, conseguirá tanto mais destes, em qualquer situação, quanto maior for a fascinação que sobre os mesmos exercer e maior a confiança que tiverem eles nos seus dotes pessoais de coragem e de bravura.

Estas qualidades podem perfeitamente ser demonstradas nos periodos de paz. Ocasiões ha, inumeras, para um chefe evidenciar seu destemôr, seu sangue frio, sua coragem pessoal, os quais ficarão profundamente gravados na memoria de seus subordinados.

.....

Com um chefe que saiba conduzir-se pela forma indicada, os subordinados darão fatalmente, quando preciso, as mais surpreendentes provas de heroísmo e de combatividade, porque eles só esperam o momento de patentear o orgulho que sentem em tê-lo como comandante e de provar que os exemplos que dele receberam fôram de molde a não serem jamais esquecidos.

Seu entusiasmo, sua energia, seu valor, sua fibra, refletirão sobre toda a tropa, que o seguirá sem receio, qualquer que seja o perigo a que estiver exposta, porque ela sabe que tem a dirigi-la *um chefe* na verdadeira expressão da palavra, o qual a conduzirá sem dúvida ao sucesso, à vitória.

.....

Estamos em guerra.

Breve marcharemos para os campos de batalha. (*) .

Meditem todos os militares que estão investidos das funções de comando, sobre as responsabilidades inerentes a esse cargo.

Façam um auto-exame. Ponham a mão. Deixem de lado vaidades pessoais e procurem corrigir-se de possíveis defeitos.

Lembrem-se que de seu tato, de sua competencia profissional, de seu tirocinio militar, da propriedade e do acerto de suas ordens, talvez mesmo o futuro do paiz e que a Pátria não lhes perdoará jamais o deslustre de sua honra e de sua dignidade nem o sacrificio de tantos de seus filhos, si oriundos de sua confiança que ela em nós deposita e façamos por elevar bem ao alto, junto ás Nações aliadas em luta contra o nazismo, o valôr do nosso soldado e o renome de nosso idolatrado BRASIL!

(*) — Este artigo foi escrito antes da partida da F.E.B. para a Europa.